

CARLO GINZBURG COMO LEITOR DE GEORGES BATAILLE: HISTÓRIA, MITO E FASCISMO

Reginaldo Sousa Chaves

Possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí (2006), Especialização em História Cultural pela Universidade Federal do Piauí (2007-2008), Mestrado em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (2008-2010). Trabalha os seguintes temas: leitura histórica de texto literário; ficcionalidade da história; Literatura Paulistana dos anos 1960 e 1970 (Roberto Piva e Jorge Mautner); Teoria da História; História, Identidade e Literatura. Doutorando em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor Assistente I da Universidade Estadual do Piauí - UESPI.

CARLO GINZBURG COMO LEITOR DE GEORGES BATAILLE: HISTÓRIA, MITO E FASCISMO**CARLO GINZBURG AS READER OF GEORGES BATAILLE: HISTORY, MYTH AND FASCISM**

Reginaldo Sousa Chaves

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir a abordagem que Carlo Ginzburg faz da obra e trajetória de Georges Bataille na Europa dos anos 1930. Ele a aprecia em dois momentos distintos, porém, construídos de modo semelhante. Nos dois ensaios, o historiador italiano interpreta a produção intelectual batailleana como “desvio” necessário para uma discussão sobre personagens tão distintos quanto supostamente ligados a Bataille e ao suposto filofascismo do pensador francês. No primeiro ensaio, o mitólogo francês Georges Dumézil; no segundo, o famoso artista Pablo Picasso e sua obra Guernica (1937). Nesse sentido, este estudo busca problematizar essas duas abordagens e conduzir o leitor a algumas considerações finais sobre a apreciação que Ginzburg faz do pensamento de Bataille.

PALAVRAS-CHAVE: Mito; fascismo; antifascismo.**ABSTRACT**

The purpose of this article is to discuss Carlo Ginzburg's approach to Georges Bataille's work and trajectory in Europe during the 1930s. He appreciates it in two distinct moments, however, constructed in a similar way. In both essays, the Italian historian interprets Bataillean intellectual production as a necessary "deviation" for a discussion about characters as distinct as they are supposedly linked to Bataille and the philosfascism of the French thinker. In the first essay, the French mythologist Georges Dumézil; in the second, the famous artist Pablo Picasso and his work Guernica (1937). In this sense, this study seeks to problematize these two approaches and to lead the reader to some final considerations about Ginzburg's appreciation of Bataille's thought.

KEY WORDS: Myth; fascism; anti-fascism.

GEORGES BATAILLE EM DOIS MOMENTOS

Na memória de Paris, o Bataille “sem fê” perdura associado ao *dandy* bebedor noturno, ao jogador, ao frequentador de bordéis (...), mas também ao homem superculto e monstruoso.

A Georges Bataille estaria destinado um percurso literário e político que implicaria adesões e oposições extremas. Se a sua luta contra o nazismo o aproximou em certo momento dos surrealistas, rendia-se a Nietzsche o bastante para André Breton sentir a tentação de lhe chamar, num mau momento de lucidez, “sur-fascista” (FERNANDES, 2007, p.19).

Sabe-se hoje: Bataille é um dos escritores mais importantes de seu século. *Histoire de l’oeil* e *Madame Edwarda* romperam o fio dos relatos para contar o que nunca o fora; *A Suma ateológica* fez entrar o pensamento no jogo – jogo arriscado – do limite, do extremo, do ápice, do transgressivo; *Erotismo* tornou Sade mais próximo e mais difícil. Devemos a Bataille uma grande parte do momento em que estamos; mas o que resta a fazer, a pensar e a dizer sem dúvida lhe é devido e assim o será por longo tempo. Sua obra crescerá (FOUCAULT, 2011, 182).

Esses são dois dos muitos retratos possíveis de Georges Bataille (1897-1962): arquivista zeloso da *Bibliothèque Nationale*, escritor de ficções eróticas (como *Histoire de l’oeil*), intelectual boêmio da cena parisiense e “inimigo íntimo” do surrealismo. Bataille foi também um controverso militante e pensador político imerso nos dilemas políticos dos anos 1930: ascensão do fascismo e do antifascismo, antissemitismo, Guerra Civil Espanhola, entre outros. É exatamente sobre o prisma desses dilemas históricos que o pesquisador italiano Carlo Ginzburg aborda a obra do escritor francês em dois momentos diferentes.

Contudo, em ambas as ocasiões, a interpretação segue a mesma estrutura. O objeto primeiro dos ensaios não é Georges Bataille. Ele surge no texto como recurso interpretativo para discutir aspectos dos posicionamentos políticos de dois personagens tão diferentes quanto supostamente ligados a Bataille nos anos 1930. Primeiro, o respeitado e influente mitólogo comparativo francês Georges Dumézil (1898-1986). Depois, o artista espanhol mundialmente famoso Pablo Picasso (1881-1973). As duas abordagens buscam estabelecer conexões entre as reflexões políticas dos dois intelectuais e o que seriam seus aspectos ambivalentes. A figura de Bataille opera como desvio heurístico necessário para flagrar os equívocos políticos do período. Destarte, o escritor francês é apresentado justamente como portador paradigmático dessas ambivalências.

Se no primeiro momento Bataille surge lateralmente, no segundo ele é peça fundamental sem a qual o debate construído por Ginzburg sobre Pablo Picasso não se sustenta. Nesse sentido, este estudo busca problematizar essas duas abordagens e conduzir o

leitor a algumas considerações finais sobre a apreciação que Ginzburg faz do pensamento batailleano. Optamos por seguir um caminho cronológico, partindo do primeiro para o segundo ensaio na tentativa de focar a lente nos elementos que julgamos centrais na argumentação. Em seguida, delineamos uma brevíssima discussão sobre o projeto político de Bataille dos anos 1930. Por fim, registramos algumas conclusões gerais a partir do percurso trilhado.¹

MITO E NAZISMO

No ensaio *Mitos Germânicos e Nazismo: Sobre um velho livro de Georges Dumézil* (1984), incluído no livro *Mitos, Emblemas e Sinais* (1986), Carlo Ginzburg revela uma preocupação com a revalorização da chamada cultura de direita. O historiador italiano lamenta que a esquerda tenha, apressadamente, lançado fora problemas e soluções criados por essa mesma cultura. Para Ginzburg, o nazismo é uma solução racista para a questão que envolve a relação entre biologia e cultura. Problema relevante, pois há grande suspeita em torno do trabalho de pesquisadores, mais ou menos ligados à direita, que buscam pensar extensas continuidades culturais. Um caso exemplar revelaria a complexidade do debate: o mitólogo francês Georges Dumézil.

O grande especialista em mitologia comparada indo-europeia escreveu *Mythes et dieux des Germains*, livro publicado em 1938, que traria em suas páginas traços de simpatia pela cultura de direita nazista. Traços estes que foram apagados pelo autor na segunda edição, lançada em 1959, oportunidade em que ele destaca o caráter maduro e significativo de seu livro. A tarefa que Ginzburg propõe é: restituir esses traços apagados de filofascismo. Cabe observar a interpretação que Ginzburg faz da obra, fator que ganha destaque nas exposições que seguem.

Esses elementos de simpatia pelo nazismo, segundo Ginzburg, apresentam-se na pesquisa em torno dos elementos mitológicos tripartites indo-europeus: real, sacerdotal e guerreiro. Para Georges Dumézil, na cultura germânica, o elemento mítico guerreiro manteve-se em destaque sob a forma de continuidade histórica no século XIX. Assim, teria ocorrido um processo de militarização da mitologia com ênfase na função guerreira de Odin. Na

¹ O presente texto é uma retomada, a partir de novas referências, de notas de leitura escritas em 2015, mas que, agora, apresenta de forma sensivelmente modificada.

Alemanha, Dumézil identificava uma repopularização e remitização do elemento guerreiro, tornando-se, em pleno mundo burguês secularizado, um mito que justificaria comportamentos individuais e coletivos.

Desse modo, o Terceiro Reich não precisou criar seus mitos; ao contrário, foram eles que moldaram a sua forma. Não se trata, na Alemanha de Hitler, de imitação afetada, artificial ou retórica, mas de mística social espontânea nos chefes e nas massas alemãs, revelando um acordo profundo entre o passado e o presente. Exemplo desse acordo é a identidade sugerida pelo autor francês entre as SA e os grupos guerreiros juvenis da mitologia germânica que encarnavam tumulto, violência e fantasia. Nesse contexto, o termo “acordo” é relevante já que mantém distância da ideia de raça – solução nazista para a relação entre cultura e biologia.

Depois de mostrar a ambivalência política de Dumézil frente ao Terceiro Reich, Ginzburg lança a questão que sublinhamos como fundamental: como podemos compreender as realidades políticas, sociais e institucionais do Terceiro Reich a partir da identificação de uma continuidade ideológica entre a mitologia indo-europeia e sua variante germânica? Naturalmente, a análise de Dumézil aponta para uma apreciação conjunta das transformações de longa duração e de aspectos sincrônicos. No entanto, as ressonâncias bibliográficas de *Mythes et dieux des Germains* estavam assentadas em pesquisas alemãs racistas e nazistas que explicavam a cultura germânica superior a partir de dados folclóricos e míticos de um povo prenhe de uma tradição guerreira de conquistas, a exemplo das sociedades masculinas, como os *berserker*.

Para Ginzburg, o que constitui um problema igualmente relevante são as resenhas favoráveis do historiador judeu Marc Bloch a essas obras que buscavam explicar a Alemanha a partir de formas míticas, legitimando o nazismo, e, portanto, orientadas ideologicamente pela extrema-direita. Nesse mesmo momento, Marcel Mauss teria alertava para a necessidade de compreensão dos regimes fascistas e bolchevique por seus elementos arcaicos. Contudo, a posição crítica de Mauss foi ofuscada pelo que seria a simpatia ideológica de Dumézil pelo nazismo.

As ressonâncias desse chamado puderam ser verificadas na fundação do *Collège de Sociologie*, grupo que, entre 1937 e 1939, se encontrava para conferências semanais e que buscava empreender estudos em torno do que denominavam sociologia sagrada. Formado por intelectuais como Roger Caillois e Georges Bataille, seu escopo era perscrutar aspectos da sociedade contemporânea relacionados aos mitos, instintos, o poder e o sagrado. Mais do que

a apregoada filiação maussiana desse grupo, fica claro, do ponto de vista de Ginzburg, o peso de um dos seus interlocutores: Georges Dumézil.

A esse respeito, dois testemunhos de Roger Caillois são esclarecedores sobre o período em questão, constando nas páginas de seu livro *O Homem e o Sagrado* (1939). No Preâmbulo de março de 1939, ele afirmou:

É-me impossível medir exatamente a minha dívida para com Georges Dumézil: por muito elevada que a estime, cometerei sempre a injustiça em relação ao guia que, na história das religiões, me dirigiu desde os primeiros passos e ainda mais ao amigo cujas sugestões e conselhos tão úteis foram a este livrinho. Devo finalmente exprimir a minha gratidão a Georges Bataille: parece-me que, sobre esta questão, se estabeleceu entre nós uma espécie de osmose intelectual que me não permite, pelo meu lado, distinguir com segurança, após tantas discussões, a sua parte da minha obra que prosseguimos em comum (CAILLOIS, 1988, p.17).

Nesse trecho é possível constatar não apenas o momento em que um pesquisador torna pública uma dívida com um de seus pares. Fica também evidente os fortes laços de amizade que uniam, naquele momento, os dois pensadores. A menção a Bataille, na segunda parte do parágrafo, possui uma carga afetiva ainda mais intensa. Não estamos somente diante de um diálogo, mas de “osmose intelectual” iniciada em 1934. O que pensa um deles pode, presumivelmente, ser encontrado nas reflexões do outro. No mesmo movimento, Caillois estabelece vínculos, ainda que indiretos, entre Bataille e Dumézil. É por essas pistas deixadas pelo autor de *O Homem e o Sagrado* (1939) que Carlo Ginzburg constrói sua cadeia argumentativa indiciária em torno da relação entre os três pesquisadores franceses.

No prefácio escrito em 1963, Roger Caillois reconsiderou o momento de gestação de seu livro com tom levemente autocrítico. A passagem seguinte, mesmo sendo uma lembrança, é uma sinalização das ambições intelectuais e políticas que faziam parte do *Collège de Sociologie*:

O ensaio [*L'homme et le Sacré*] foi escrito sob influência de uma preocupação quase exclusiva pelas emoções obscuras e imperiosas que perturbam, fascinam ou por vezes subjugam o coração humano, e das quais o sagrado não é a menos importante. O tempo de maneira alguma enfraqueceu em mim a intensidade dessa predileção. Todavia, tornou-a por assim dizer desinteressada, o que ela estava longe de ser nessa altura, quando eu imaginava poder transformar um ardente saber numa alavanca todo-poderosa no seu próprio domínio. Nestas condições, eu mal distinguia o ensinamento que ia receber, na *École Pratique des Hautes Études*, de Marcel Mauss e de Georges Dumézil daquele que, com Georges Bataille e Michel Leiris, eu me atrevia a propor na modesta sala do *Collège de Sociologie* que acabáramos de fundar em conjunto. Mais de uma página do presente volume se explica por esta origem ambígua, que conciliava a necessidade de restituir à sociedade um sagrado ativo, indiscutido, imperioso e devorante com o gosto pela interpretação fria, correta e científica daquilo a que chamávamos então, decerto com ingenuidade, as forças profundas da existência coletiva. Eu disse um sagrado ativo: *ativista* era a palavra

que nós preferíamos então utilizar, pelo menos entre nós, para significar que sonhávamos com algo mais que a simples ação. Pensávamos em não sei que vertiginoso contágio, numa efervescência epidêmica. É evidente que não dávamos a este epíteto de *ativista* o sentido muito especial que ele recebeu numa data recente. Era à química que nós nos referíamos e ao caráter súbito, fundante, irresistível de certas reações. Era esperar um milagre e, de fato, estas vãs ambições permaneceram letra morta. Estou persuadido de que mesmo sem a guerra, elas não teriam sido bem sucedidas (CAILLOIS, 1988, p.11-12).

Com efeito, essas lembranças deixam evidente o propósito dos membros do grupo: unir rigor científico e aspirações ideológicas. O conhecimento das reservas afetivas dos extratos míticos, quando esquadrinhados e compreendidos, poderia abrir caminho para consecução de uma “alavanca todo-poderosa”. Empreendimento que o Caillois da maturidade, com a distância de quase um quarto de século, não hesitou em definir como “ingenuidade”. Entretanto, são os aspectos ambivalentes dessas ambições políticas que chamam atenção: um ativismo que pretendia reintroduzir a sacralidade no tecido social moderno. Anseio manifestado no momento mesmo de celebração mítica do Führer. O que embaralhava a luta antifascista de alguns integrantes do *Collège de Sociologie*.

Trata-se, portanto, de uma ambiguidade política compartilhada entre o autor de *Mythes et dieux des Germains* (1938) e os participantes do *Collège de Sociologie*. Dessa forma, Ginzburg identifica temas dumézilianos nas pesquisas do grupo. Para Roger Caillois, importava os nexos entre o sagrado e o poder; para Bataille, o sagrado, a sexualidade e a morte. Em ambos os casos, a posição dúbia frente ao nazismo faz lembrar suas conexões com Dumézil, que seria um interlocutor.

Sobre Bataille, o historiador italiano nos diz o seguinte:

Já numa carta escrita a Raymond Queneau em 1934, de Roma, logo depois de visitar a exposição da revolução fascista, Bataille confessava o fascínio que exercia sobre ele aquela exibição de símbolos mortuários, tecidos negros, caveiras, observando que, apesar de tudo, tratava-se de algo sério, que não devia se manter como domínio exclusivo da propaganda fascista. (...) A mesma atmosfera de turva atração, intimamente culpada, pelos ritos mortuários do nazismo compõe o pano de fundo do romance *Le bleu du ciel*, escrito em 1935 e publicado mais de vinte anos depois (GINZBURG, 1989, p. 203).²

Quanto a Roger Caillois:

As divagações de Roger Caillois sobre uma comunidade aristocrática formada por indivíduos cruéis, tirânicos, prontos para enfrentar os rigores de uma iminente era

² O leitor pode conferir a validade das considerações de Ginzburg sobre esse romance na tradução brasileira de *O Azul do Céu* (BATAILLE, 1986).

glacial que teria gerado uma impiedosa seleção, tinham um tom ainda mais equívoco (GINZBURG, 1989, p.203)³

As tonalidades fascistizantes desses discursos foram assinaladas por vários participantes do *Collège de Sociologie*. Entre eles, Ginzburg cita o assíduo frequentador das reuniões: Walter Benjamin. Sobre a passagem de um ensaio de Caillois, o filósofo alemão confidenciou que “não faz mais que caracterizar a práxis fascista”. Ao *Collège de Sociologie*, ele dá o nome de “sociedade secreta” para a qual Bataille e Caillois “aliciam abertamente os jovens” (ADORNO, 2012, p.391-392).

Muitas divergências surgiram no interior de um grupo heteróclito como o *Collège de Sociologie*, formado por antissemitas e alinhados à esquerda, como Michel Leiris. Entretanto, Ginzburg nos faz acreditar que a atmosfera ambígua possuía particularidades para atrair vários observadores. Surgem então — ainda segundo Ginzburg — duas questões a serem discutidas. A primeira delas nasce da natureza do impacto que o nazismo representou em uma série de disciplinas, “entre elas a glotologia das línguas indo-europeias”. “A segunda questão é a das tentativas de análise do nazismo enquanto fenômeno irreduzível aos seus componentes políticos, econômicos e sociais” (GINZBURG, 1989, p.205-206).

Um ano após as críticas do historiador italiano, Georges Dumézil respondeu ao que caracterizou como “processo” instaurado por seu “censor-Ginzburg” no artigo *Science et politique. Réponse à Carlo Ginzburg*. Nesse texto, entre outras coisas, o mitólogo francês expõe as engrenagens dos argumentos de Ginzburg, que identifica como operando por um inacreditável deslizamento, a saber: o *Collège de Sociologie* tinha, segundo ele, tendências nazistas; Roger Caillois foi um dos fundadores do *Collège de Sociologie*; Caillois foi amigo de Dumézil; logo, Dumézil foi, em alguma medida, um simpatizante do nazismo. Consternado, Dumézil refuta tal raciocínio, alegando que não teria se interessado pelos empreendimentos do *Collège de Sociologie* e não teria mantido relações próximas com Bataille (DUMÉZIL, 1985).

O SOL PODRE

³ Essas ideias de Roger Caillois estão presentes no texto *Vent d'hiver* (1937). Para uma discussão sobre esse ensaio ver o livro de Júlia Vilaça Goyatá (GOYATÁ, 2016, p.74-78).

Anos depois, no texto *A Espada e a Lâmpada: Uma leitura de Guernica* do livro *Medo, Reverência, Terror* (2008), o Georges Bataille dos anos trinta ressurgiu, mas agora ocupando lugar fundamental. Nesse ensaio, Ginzburg discute a conhecida obra de Pablo Picasso: *Guernica* (1937). Esse ensaio o pesquisador italiano levanta as questões: a obra é, de maneira inequívoca, um libelo político claro e transparente contra o fascismo, uma denúncia contra as atrocidades ideológicas totalitárias? É um ícone contra o extermínio e a violência do Estado, um emblema contra a guerra e uma afirmação democrática da liberdade do Homem moderno por meio da estética do modernismo? Nesse sentido, Ginzburg busca traçar um esboço do conflito interpretativo contemporâneo à obra, ou seja, antes do estabelecimento dos significados comumente aceitos.

Guernica foi apresentada pela primeira vez na *Exposition Internationale des Art et Techniques Appliquées à la vie Moderne* (1937), na cidade de Paris. A exposição era tomada por pavilhões que representavam as potências ideológicas do período, destacadamente o alemão, o soviético e o italiano. A produção artística desses países expressava o anseio dos regimes de expor, em estilo clássico imponente, suas posições políticas. O mural de Pablo Picasso, situado no pavilhão espanhol, gerou imediato debate por sua ambição política expressa em linguagem cubista que, para alguns críticos da época, não logrou êxito à medida que expunha apenas uma ideia inusitada.

Carlo Ginzburg vislumbra toda a problemática de *Guernica*, pois o processo de construção formal do mural está imerso em tensões entre elementos clássicos — a exemplo do Pégaso que foi elidido da versão final — e de sua linguagem modernista marcada por uma “mitologia particular”, que incluiria o Touro. Todavia, a presença do classicismo no resultado final do mural persistiu junto aos elementos estilísticos modernistas: é o caso da “espada quebrada e na figura do guerreiro prostrado” (GINZBURG, 2014, p. 118). O uso de elementos clássicos nas décadas de 1920 e 1930 fazia emergir elementos políticos que mereciam a qualificação de fascista. Foi o que fez Ernst Bloch contra Picasso, Jean Cocteau e Igor Stravinsky. Ora, segundo Ginzburg, o uso do mito e do irracional por Picasso lhe valeu elogios de um antifascista radical como Carl Einstein, que numa “posição anti-Goethe” buscava retirar o mito das mãos dos fascistas. A força estética contra a ideologia fascista em Picasso pousaria, sobretudo, em sua mitologia particular.

Mas, frente a um evento público como o bombardeio nazista contra *Guernica*, Picasso foi forçado a fazer uso de elementos da mitologia clássica. Na verdade, há vários dados

classicizantes no mural: o cavalo, o elmo, a espada quebrada e, principalmente, a própria estrutura monumentalizante que contrasta com sua dinâmica e movimento da direita para a esquerda. O friso de Picasso em *Guernica* é inspirado em longa tradição pictórica clássica onde, na representação de expressões extremas das emoções, as personagens centram a gravidade da tela para o extremo diagonal da tela — como em *A morte de Caio Graco* (1795-1797), de François Jean-Baptiste Topino-Lebrun.

O grandioso e o cubismo conflitam na obra. Nas palavras de Ginzburg, Picasso fracassa ao tentar apresentar em estilo monumental o terrível de um extermínio espanhol, levado a cabo com a ajuda do Estado Nazista. A tela se tornaria, então, vaga. “Como propaganda, *Guernica* é, de fato, muito estranha. Picasso (...) apagou deliberadamente do mural qualquer alusão política. Nesse ícone da arte antifascista, o fascismo está ausente” (GINZBURG, 2014, p. 141).

Assim, Ginzburg indaga: “Será então *Guernica* uma imagem intemporal da violência, de guerra? Será um massacre dos inocentes (...)? Por que os trucidadores não estão presentes?” (GINZBURG, 2014, p.141). Para resolver essa dificuldade, o historiador italiano fixa, primeiramente, a sua atenção na cabeça do guerreiro caído no mural, que foi inspirado na miniatura do Beato de Liébana, representando o dilúvio num manuscrito espanhol do século XI, conhecido como *Apocalipse de São Severo*. A semelhança entre as duas “cabeças” é flagrante. Picasso encontrou a ilustração em 1929 na influente revista *Documents*, reproduzida em um ensaio de Georges Bataille, que também era diretor da revista junto com Carl Einstein (BATAILLE, 2018, p.51-63).

Nesse aspecto, Bataille ocupará um lugar de destaque na compreensão de *Guernica*. Sob a direção de Einstein, *Documents* dedicou uma de suas edições a Pablo Picasso. “Bataille contribuiu para esse número, publicado em 1930, com um pequeno e denso texto intitulado ‘*Soleil pourri*’ [Sol Podre]” (GINZBURG, 2014, p.142):

O Sol, humanamente falando (ou seja, naquela acepção que o confunde com a noção do meio-dia), é a mais *elevada* das concepções. E também a coisa mais abstrata porque a essa hora não podemos olhá-lo fixamente. Para descrevermos até o fim a noção de Sol no espírito de quem é forçado a castrá-lo como consequência da incapacidade dos olhos, temos de dizer que este Sol possui na sua acepção poética o sentido da serenidade matemática do espírito. Se a despeito de tudo o fixarmos com bastante obstinação isto supõe, pelo contrário, uma certa loucura e a noção altera o seu sentido porque, com a luz, a produção deixa de surgir e surge o resíduo, ou seja, a combustão que é psicologicamente muito bem expressa por uma lâmpada-de-arco incandescente. Em termos práticos, o Sol fixado identifica-se com a ejaculação mental, com a espuma nos lábios e a crise de epilepsia. (...) Poderá, contudo, dizer-se que a pintura acadêmica corresponderia mais ou menos a uma elevação de

espírito sem excesso. E, pelo contrário, na pintura atual a busca de uma ruptura da elevação levada ao seu cúmulo, e de um brilho com a pretensão de fazer cegar, participa na elaboração ou na decomposição das formas; embora isto, em rigor, só seja sensível na pintura de Picasso (BATAILLE, 2007, 83-85).

O conteúdo do ensaio é interpretado por Ginzburg da seguinte maneira: “Bataille conclui pela identificação do sol produtivo com a pintura acadêmica, como forma de elevação espiritual equilibrada, e o sol podre com a pintura moderna, especialmente a obra de Picasso, já que ela visava ao excesso, à rejeição da elevação, à elaboração formal ou decomposição.” (GINZBURG, 2014, p. 142). O texto teria deixado Pablo Picasso impressionado. As ligações com Bataille eram possíveis por diversas razões, das quais podemos, apoiados por Ginzburg, destacar uma: Dora Maar, fotógrafa que acompanhou a construção de *Guernica* e que vivia com Picasso, mantendo contato com Bataille — nessa época, o escritor dirigia um grupo esquerdista chamado *Masses*, no qual ela estava envolvida.

Nos registros fotográficos da composição de *Guernica* foi observado que, no último estágio, um sol foi apagado e substituído por uma forma oval para, finalmente, ser convertido em lâmpada como íris. Picasso, teria realizado uma apropriação das ideias de Bataille. Reverteu “o sol da produção no sol da decadência” representado no “horror produzido por uma lâmpada incandescente” mencionado no ensaio *Soleil pourri* (GINZBURG, 2014, p. 144).

Devemos mencionar aqui outro ponto fundamental. Tanto Georges Bataille como Pablo Picasso haviam sido próximos do círculo surrealista formado por André Breton, Louis Aragon, René Crevel, Paul Éluard, entre outros. Os participantes da vanguarda francesa se colocaram, a partir dos anos 1930, efetivamente a “serviço da Revolução” (NADEAU, 2008, p. 124-130). Para Ginzburg, *Guernica* ganham novas significações à luz dessas conexões intelectuais:

Na entrada do pavilhão espanhol na Exposição Internacional, podia-se ler um poema de Paul Éluard, “La victoire de *Guernica*”. No entanto, nem *Guernica* nem *Guernica* de Picasso constituíram uma vitória. Éluard, nessa época provavelmente amigo próximo de Picasso, deve ter gostado do sol e do punho fechado. No entanto, o mural assumiu uma direção diferente, distante da retórica surrealista-comunista de Éluard. Em vez disso, como vimos, os últimos estágios de *Guernica* – uma obra que tinha também sua dimensão privada – incorporaram elementos da mitologia privada de Georges Bataille (GINZBURG, 2014, p. 144).

Bataille, entre 1929 e 1930, deixando de lado antigas simpatias, lançou violentas críticas contra um suposto idealismo dos surrealistas. Sua rejeição das ideias do líder do

movimento, Breton, incluía a adoção de um ponto de vista filosófico baseado em um baixo materialismo (BATAILLE, 1994, p. 102-104).⁴ Assim, o pintor espanhol também tomou distância da posição esquerdo-surrealista e – como tantos outros dissidentes do movimento – nutriu certo fascínio pelo projeto político-estético batailleano.

COMUNIDADE ACÉFALA

A leitura batailleana de *Guernica*, levada a cabo por Ginzburg, não se encerra na relação entre a composição da tela e os ensaios *Sol Podre* e *Apocalypse de Saint-Sever*. Para o historiador italiano, Pablo Picasso teria ainda dividido ideias de Georges Bataille em torno da noção de comunidade presente no texto *Chronique Nietzsche* (1937). O ensaio foi publicado na revista *Acéphale*, cujos temas giravam em torno das relações entre sociologia, filosofia e o sagrado. *Acéphale* – contemporânea do *Collège de Sociologie* – também era uma comunidade “esotérica” que mencionaremos mais à diante. *Chronique Nietzsche* ataca a interpretação nazista de Nietzsche e propõe uma interpretação da peça de teatro *La Numancia*, de Miguel de Cervantes. Nas linhas que seguem, apontamos mais detalhes sobre o texto.

Bataille anuncia que o apogeu de uma civilização é uma crise que extravia a existência social. Ele alerta que no movimento de uma civilização o conjunto de seus valores perde a força de coesão e a capacidade de imposição. A vida em comunidade perde, assim, seu aspecto trágico e o poder de suscitar a emoção religiosa. Portanto, para manter o campo socioeconômico, faz-se necessário servir-se da constrição e falsificações que, segundo Bataille, receberam o nome de política. No turbilhão de um mal-estar extremo cresce a obsessão pela recuperação de um mundo perdido. A decomposição pode afetar todo um lastro que fundamenta a cultura ocidental: atividade econômica, instituições, autoridade, princípios morais e religiosos, entre outros.

Para Bataille, apenas Nietzsche assumiu a tarefa de transformação de todos os valores a partir da “morte de Deus”. Entretanto, a vontade criativa se debate com a solução fácil de uma restauração, de um retorno ao passado na busca dos valores sagrados. Para Bataille,

⁴ Chamado por Bataille de “leão castrado”, Breton (2001, p. 213) reagiu ao ataque em 1930 da seguinte maneira: “Divirto-me, por outro lado, ao pensar que não é possível a alguém sair do surrealismo sem dar de caras com o Sr. Bataille, tanto é verdade que o horror ao rigor só consegue traduzir-se em numa nova submissão ao rigor.” Anos mais tarde, os dois fariam as pazes. Sobre as relações entre Bataille e o surrealismo ver o texto *O Coice do Burro* de Michel Surya (1994). A interpretação batailleana do pensamento surrealista pode ser encontrada nas conferências realizadas em 1947 e 1948 (BATAILLE, 2008).

faraós restaurados, césaes romanos e chefes de partidos revolucionários tentam fundar a vida novamente sob o irracionalismo. A busca da unidade comunal trágica pode ser observada nos fascismos e em seu resultado: a disciplina militar. Mas a força utilizada para manter as construções impostas expõe o caráter decepcionante deles. Para o pensador francês, a tentativa de apropriação do pensamento nietzscheano pelo nazismo se mostra como confusão de duas respostas distintas para o problema da crise de valores. Por um lado, a transvaloração anunciada por Zaratustra; e do outro, Dionísio contra o retorno fascista ao passado.

Ainda segundo do pensador francês, essa oposição pode ser simbolizada por aquele que existe entre *Terra e Céu*. O Céu como claridade do dia — a glória e a repressão militar —, apresentando-se como rigidez do passado, constituindo uma autoridade monárquica como limitação da vida. Na Terra, a grandeza pertence às noites propícias, à paixão ávida, ao sonho obscuro e livre onde o movimento se projeta nas formas apocalípticas do porvir. Para Bataille, a reconstituição religiosa da soberania civil e militar que conecta a existência ao passado, posição fascista (Céu), opõe-se a Nietzsche, que busca o nascimento de figuras sagradas e libertadoras que renovam a vida (Terra).

A peça trágica *La Numancia*, de Miguel de Cervantes, surge no texto de Bataille como emblemática da oposição Céu/Terra. *La Numancia* aborda a terrível guerra que opôs o general romano Cipião e os numantinos sublevados. Sitiados, mas, contrários à ideia de rendição, os numantinos matam uns aos outros em um ato suicida cruel. O que há em *La Numancia* é a Terra que se abre ao vivente que, no auge do delírio, precipita-se na morte como atividade comum do homem. Se os romanos, dirigidos pela implacável autoridade do chefe, estão associados à glória do Sol, os numantinos, ao contrário, emergem da Terra, na tragédia da morte sem chefe como uma comunidade acéfala.

Assim, segundo Bataille, descortina-se a oposição entre antifascismo e fascismo. Ao introduzir o trágico no mundo da política, *La Numancia* mostraria a miséria do fascismo ao evidenciar o seu reverso: a comunidade trágica. Logo, os seres humanos poderiam unir-se emocionalmente, seja por meio de um líder (fascismo) ou através de uma tragédia (*La Numancia*). A transvaloração se expressaria na ideia de que a unidade cesariana que funda um chefe se opõe à comunidade sem chefe unida pela morte. Então, emergiria a busca trágica de uma comunidade humana sem cabeça e a execução do chefe seria sua exigência. O elemento emocional que daria valor à existência comum seria a morte (BATAILLE, 2010a, p. 117-132).

O autor de *História do Olho* se mostra, ainda que problematicamente, contra o fascismo. Mesmo quando faz duras críticas aos simplismos de algumas posições antifascistas, ele está claramente posicionado (BATAILLE, 2010a, p.129-130). Entretanto, sob a pena de Ginzburg, o antifascismo de Bataille perde espaço para constatação de um fascínio pela morte e tragédia. Por outro lado, não se deve, obviamente, deixar nublado os limites de uma política que se funda nessas ideias radicais.

Sendo encenada à época da Guerra Civil espanhola, “o paralelo entre a antiga Numancia e a contemporânea Madri, que estava nessa época sob o cerco do exército de Franco”, era clara (GINZBURG, 2014, p.146). Através da interpretação desse ensaio, Ginzburg arremata sobre o problema da ambivalência de *Guernica*:

Bataille e Picasso se moviam nos mesmos círculos, compartilhavam uma amante e vários amigos. Não sei se os dois se encontraram nos meses em que Picasso estava pintando *Guernica* e Bataille estava escrevendo suas páginas sobre *Numance*. Todavia, a crítica ambígua de Bataille sobre os limites do antifascismo pode lançar luz sobre o paradoxo de *Guernica* – uma pintura fundamentalmente antifascista da qual o inimigo fascista está ausente, substituído por uma comunidade de seres humanos e animais ligados pela tragédia e pela morte (GINZBURG, 2014, p. 147).

Segundo Ginzburg, *Guernica* surge como representação de uma tragédia histórica em que uma comunidade unida pela morte é apresentada sob a ausência de seus algozes. A secreta influência de Bataille implicaria em posições políticas oscilantes frente ao fascismo. Nesse sentido, a sentença final sobre o pensador francês não poderia ser outra: “A atitude de Bataille frente ao fascismo foi profundamente ambígua. Ele era fascinado por sua estética da violência, por seus excessos. No entanto, também insistiu, em várias ocasiões, que o fascismo tinha de ser combatido em seu próprio campo de luta, na esfera das emoções de massa” (GINZBURG, 2014, p.145).

GEORGES BATAILLE: FASCISMO E ANTIFASCISMO

De onde provém o problema apontado por Carlo Ginzburg na relação de Bataille com o fascismo? Do projeto de ação política que Bataille propõe na década de 1930. Para entender em que consiste esse projeto, é necessário compreender os conceitos de homogêneo e heterogêneo expressos pelo pensador francês. O mundo homogêneo seria aquele que organiza a existência a partir do que é útil, da produção, da avidez, em suma, da lei. Um mundo,

portanto, “com uma estrutura formada pelos utensílios, pelos materiais de produção e pelo trabalho” (BATAILLE, 2007, p.37).

Ocorre que o mundo homogêneo não se ergue sem que um domínio abjeto seja proscrito como *parte maldita*: o heterogêneo. A heterogeneidade compreende o conjunto dos gastos improdutivos. Seja o dejetivo do polo baixo: excrementos, palavras e atos com valor erótico, os processos inconscientes, como sonhos e neuroses, etc.; seja a transcendência do polo alto: o elemento social aristocrático, o soberano, entre outros. A *heterologia* de Bataille é um esforço de pensar o que é segregado: o excesso. Por isso, os elementos heterogêneos são marcados pela violência, desmesura, loucura, delírio, possuindo efeito de força e choque (BATAILLE, 2003, p.137-180).

Bataille aplica seus conceitos ao mundo sócio-político. O texto *La structure psychologique du fascisme* (1933) mostra-se emblemático, pois interpreta a tomada do poder pelo *Führer*. Referidos à existência heterogênea, Hitler aparece como totalmente violento diante da política democrática. Situado acima dos homens, dos partidos e das leis, ele dissolve a homogeneidade pacífica. A quebra da legalidade seria a prova de que a ação fascista possui caráter transcendente heterogêneo (BATAILLE, 2003, p.149). A recusa da homogeneidade burguesa se dá no polo alto do heterogêneo, como soberania.

Entretanto, o fascismo seria, ainda de acordo com o pensamento de Bataille, uma miscelânea de elementos homogêneos (ordem, disciplina, funcionalidade, operacionalidade) e heterogêneos (as massas extasiadas e a autoridade sagrada do líder): o fascismo é uma soberania estatizada — conjugação do sagrado e do militar das sociedades tradicionais. A tarefa política *par excellence* seria recusar e combater o totalitarismo e adaptar suas armas.

Segundo Bataille, de maneira diferente, pode-se descrever como heterogêneo as camadas sociais baixas que despertam repulsa (BATAILLE, 2007, p.25-26). O proletariado aparece também possui aspectos heterogêneos. Fora “de suas operações técnicas”, em relação à “pessoa homogênea (burocrata, patrão, etc.), o operário é um estranho” (BATAILLE, 2003, p.140-150). A “revolução” seria possível através do uso das forças afetivas pela parte baixa heterogênea formada pelas classes de miseráveis. Os oprimidos deveriam depor, pela subversão, o mundo racional, moderno, burguês e democrático servo do Estado (BATAILLE, 2003, p.175-176).

O pensador francês é enfático ao afirmar que no fascismo a prisão homogênea deixa irromper a alteridade, mas o heterogêneo não se mostra como realmente é: dispêndio

improdutivo — como os sonhos, os arrebatamentos eróticos e as perversões, por exemplo. O fascismo como dissociação da homogeneidade é hetero-gerado, mas não é hetero-gerador. Bataille, nas palavras finais de *La structure psychologique du fascisme*, assevera que uma ampla “convulsão não opõe exatamente” fascismo e comunismo, mas “formas imperativas radicais à profunda subversão” que segue perseguindo “a emancipação das vidas humanas” (BATAILLE, 2003, p.180).

Na proposição da conversão dos afetos sociais — seria preciso dizer heterogêneos — usados pelo Nacional-Socialismo em forças revolucionárias, Bataille está posicionado contra o fascismo. Uma posição política que não se quer filofascista, mas filoproletária. Contudo, a tentativa de usar as armas dos fascistas parece ter comprometido a luta contra o inimigo — como, de resto, reconhecerá depois o próprio Bataille. Os problemas dessa estratégia são constatáveis mais claramente de meados da década de 1930 até o início da Segunda Mundial (SCHEIBE, 2004, p.34-35).

É o caso do desejo de Bataille de ver nascer um movimento orgânico, por meio de uma soberania violenta, a favor da libertação dos explorados. Mais problemático ainda foi o empreendimento *Acéphale* já mencionada. Essa comunidade secreta exigia de seus membros, entre outras coisas, não apertar a mão de antissemitas, ritos de aceitação, encontros em torno de uma árvore fulminada por um raio, próxima à estação Saint-Nom-la-Bretèche, e a realização de um projeto (não executado) de sacrifício humano.

Talvez aqui possa ser útil voltar a Walter Benjamin para lembrar a frase, dita a Pierre Klossowski, membro de *Acéphale*, a propósito das atividades do grupo: “*Vous travaillez pour le fascisme*” (AGAMBEN, 2010, p.112). Assim, Bataille parece “recair” em “impasses” ao sentir-se atraído por uma “vontade de organicidade e de poder”. Impasses dos quais buscará desviar-se nos anos seguintes através da reelaboração do conceito de soberania e da leitura de Nietzsche (SCHEIBE, 2004, p.35-46).

Com efeito, é necessário ser suficientemente claro sobre esse problema. Muitos pensadores europeus da época efetivamente sucumbiram admirados diante da ascensão de Adolf Hitler. Ainda no começo dos anos 1930, o suíço Carl Gustav Jung – ex-discípulo de Sigmund Freud e fundador da psicologia analítica – publicou “textos favoráveis a Alemanha Nazista” enquanto buscava estabelecer as bases arquetípicas da “superioridade do inconsciente ariano sobre o inconsciente judaico”. Anos depois, se tornou crítico do Nacional-Socialismo (ROUDENESCO, 2009, p. 171-180). Martin Heidegger, também tragado pela

atmosfera do momento, viu na “tomada de poder nacional-socialista” a “revolução” que “foi bem mais do que política, foi um novo ato na história do ser”. Como Reitor do Fühler na Universidade de Freiburg no ano de 1934, tentou zelar pela pureza do movimento nacional-socialista colaborando com a perseguição política levada pelo Terceiro Reich. Entre 1935 e 1938, teve início a desilusão do filósofo alemão com a ideologia nazista (SAFRANSKI, 2013, p. 276-347). A esse respeito é preciso dizer que a tentativa de Bataille, militante da esquerda, de usar as armas do inimigo é problemática, mas, de modo algum, um simples ato fascista. Como nos ensina a psicanalista e historiadora Elisabeth Roudinesco, “Bataille jamais deu o menor apoio ao fascismo real.” (ROUDINESCO, 2008, p.188-189)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, este estudo chama a atenção para o fato de que não se trata, no “caso Bataille” — e, juntamente com ele, Dumézil e Picasso —, de um procedimento de leitura inédito na obra de Carlo Ginzburg. O historiador italiano, na introdução de seu livro *Relações de Força: História, Retórica e Prova*, realiza um percurso oposto ao de Bataille. Nietzsche surge como pequeno burguês que pensa “a moral e o direito como projeções dos interesses de uma maioria de fracos”. Já a linguagem não seria um meio seguro para nos acercarmos da verdade e da justiça, pois “não pode dar uma imagem adequada da realidade” (GINZBURG, 2002, p.22-28).

As ideias relativistas do pensador alemão aparecem com sabor explicitamente protofascista, expresso na lei do mais forte e no mundo como vontade de poder. Nos anos trinta, Bataille havia despendido esforços na revista *Achéphale* para realizar uma reparação a Nietzsche. Empreendendo uma crítica à apropriação que os fascistas haviam feito da obra nietzschiana, Bataille mostrou as falsificações pelas quais ela havia passado para atender aos ideais de raça e de nação dos totalitários alemães (BATAILLE, 2010b, p.35-37).

Para Ginzburg, intelectuais ligados ao pensamento de Nietzsche, incluindo Georges Bataille, parecem não passar incólumes à leitura do filósofo alemão. Foi dessa maneira que Ginzburg apontou a “impostura” do desconstrucionista Paul de Man. Fugindo de seu passado antissemita e fascista, ele havia mentido abertamente ao se colocar como proveniente da esquerda e da Frente Popular. A ironia e o perspectivismo nietzscheano sobre a ausência de

verdade adotada por Paul de Man colocariam seu trabalho crítico em “uma relação íntima” com a máscara utilizada por ele, e somente revelada após sua morte (GINZBURG, 2002, p.32-35).

No mesmo texto, Carlo Ginzburg mostra o que seria o peso do legado nietzscheano para Sarah Kofman. Depois de publicar, no início dos anos setenta, o livro *Nietzsche et la Métaphore*, “no qual mostrava o seu grande envolvimento com o tema” e, “vinte anos depois”, relatar sua infância de menina judia perseguida”, Sarah Kofman “decidiu suicidar-se”. Ginzburg credita esse fato a uma “desforra da realidade” “literal e homicida” (GINZBURG, 2002, p.35).

Nesses casos, o historiador nos revela um dado biográfico que deveria iluminar de modo comprometedor uma obra ou trajetória intelectual. Um último exemplo: é “curioso” que, em um contexto de explicitação da experiência histórica de emergência da micro-história, Ginzburg nos faça lembrar, apenas de “passagem”, que *Philippe Ariès fora militante da Action française, movimento francês nacionalista, conservador e antisemita liderado por Charles Maurras*. Comenta Ginzburg: “Tratava-se de palavras implicitamente autobiográficas: Ariès, quando jovem, havia sido seguidor de *Maurras e militado na Action française*” (GINZBURG, 2007, p. 260).

Identificar esse procedimento crítico e político de Ginzburg não implica em alguma absolvição histórica da obra e da trajetória de Georges Bataille. Longe disso: revelamos, ainda que brevemente, os problemas de sua posição política nos anos 1930. Bataille não teve, por razões óbvias, condição de tentar responder a Ginzburg como fez Dumézil. Todavia, não há razão alguma para que se faça isso em seu lugar. Com efeito, é necessário entender, com rigor, a atuação do pensador francês no contexto politicamente turvo em que se movia. Dessa maneira, é possível divisar criticamente as possibilidades e equívocos que emergem da obra batailliana.

REFERÊNCIAS BIBLIORÁFICAS

ADORNO, Theodor W. **Correspondência, 1928-1940**. Theodor W. Adorno, Walter Benjamin. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 2012

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

BATAILLE, Georges. La Estructura Psicológica del Fascismo. In: **La Conjunción Sagrada**. Ensayos 1929-1939. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Ed., 2003a.

_____. **História do olho**. São Paulo: Cosac Naify, 2003b.

_____. Crónica Nietzscheana. In: MARTÍNEZ, Margarita. (org.). **Acéphale: Religión. Sociología. Filosofía**. (1936-1939). Buenos Aires: Caja Negra, 2010a.

_____. Nietzsche y los fascistas. In: MARTÍNEZ, Margarita. (org.). **Acéphale: Religión. Sociología. Filosofía**. (1936-1939). Buenos Aires: Caja Negra, 2010b.

_____. **O Ânus solar e outros textos do sol**. Lisboa: Assírio e Alvim, 2007.

_____. **As Lágrimas de Eros**. Lisboa: Sistema Solar, 2012.

_____. **O Erotismo**. Lisboa: Antígona, 1988.

_____. **A Literatura e o Mal**. Lisboa: Vega, 1998.

_____. **A Parte Maldita**. Precedido de A Noção de despesa. Lisboa: Fim de Século, 2005.

_____. **Teoria da Religião**. São Paulo: Ática, 1993.

_____. **A Experiência Interior**. São Paulo: Ática, 1992.

_____. **A Mutilação Sacrificial e a Orelha Cortada de Van Gogh**. Lisboa: Hiena, 1994.

_____. **História de Ratos**. (Diário de Dianus). Lisboa: Hiena, 1988.

_____. **O Azul do Céu**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. **Documents: Georges Bataille**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

_____. **La Religión Surrealista: conferencias 1947-1948**. Buenos Aires: Las Cuarenta, 2008.

BRETON, André. **Manifestos do surrealismo**. Rio de Janeiro: Nau, 2001.

DUMÉZIL, Georges. Science et politique. Réponse à Carlo Ginzburg. In: **Annales. Économies, Sociétés, Civilisations**. 40e année, N. 5, 1985. pp. 985-989. doi:

10.3406/ahess.1985.283216http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ahess_03952649_1985_num_40_5_283216 Acesso: 02, jan., 2018.

FERNANDEZ, Aníbal. Como ficção... In: BATAILLE, Georges. **O Ânus solar e outros textos do sol**. Lisboa: Assírio e Alvim, 2007.

_____. Cronologia. In: BATAILLE, Georges. **História de Ratos**. (Diário de Dianus). Lisboa: Hiena, 1988.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Medo, Reverência, Terror: Quatro ensaios de iconografia política**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. **Relações de Força: História, Retórica, prova**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **O Fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Olhos de madeira: Nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GOYATÁ, Júlia. **Georges Bataille e Michel Leiris. A Experiência do Sagrado**. São Paulo: Humanitas, 2016.

HABERMAS, Jürgen. Entre o Erotismo e a Economia Geral. In: **O Discurso Filosófico da Modernidade**. São Paulo. Martins Fontes, 2010.

MARTÍNEZ, Margarita. (org.). **Acéphale: Religião. Sociología. Filosofía**. (1936-1939). Buenos Aires: Caja Negra, 2010.

NADEAU, Maurice. **História do Surrealismo**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

RELLA, Franco. MATI, Susanna. **Georges Bataille, filósofo**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.

ROUDENESCO, Elisabeth. Georges Bataille e Cia. In: **Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistemas de pensamento**. São Paulo: Companhias das Letras, 2008.

_____. Jung: do arquétipo ao nazismo. In: **Em Defesa da Psicanálise: ensaios e entrevistas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

SAFRANSKI, Rüdiger. **Heidegger: um mestre da Alemanha entre o bem e o mal**. São Paulo: Liberdade, 2013.

SURYA, Michel. O Coice do Burro. In: BATAILLE, Georges. **A Mutilação Sacrificial e a Orelha Cortada de Van Gogh**. Lisboa: Hiena, 1994.

_____. Nascimento de Bataille. In: BATAILLE, Georges. **Experiência interior**. Belo Horizonte: Autentica, 2016.

SCHEIBE, Fernando. **Coisa Nenhuma**: ensaio sobre literatura e soberania (na obra de Georges Bataille). Universidade Federal de Santa Catarina. Tese de Doutorado. Florianópolis. 2004.

Artigo recebido em maio de 2020. Aprovado em agosto de 2020.